

Linha Dura e Nacionalismo

Rubem Braga

PARECE certo que entre os oficiais da chamada linha dura há alguns que defendem teses nacionalistas. "Nacionalismo sem comunismo" é uma legenda que muitos adotam e que, por sinal, é também adotada por alguns setores da oposição. Assim, alguns dos elementos mais radicais da Revolução estão de acôrdo com muitos dos adversários mais sérios dessa mesma Revolução. A única diferença é que estes últimos chamam a Revolução de entreguista, e aquêles consideram entreguista apenas uma ala da Revolução, a que tem como expoente o sr. Roberto Campos, menina dos olhos do marechal Castelo Branco.

Tanto quanto se pode saber, êsses homens da linha dura, que se afirmam nacionalistas, são, do ponto de vista da política social, francamente da direita. Nisto eles acompanham as opiniões do sr. Carlos Lacerda, que em matéria de reforma agrária são as mais retrógradas possíveis. Tudo que é reforma agrária lhes cheira a comunismo. Não é à toa que entre os primeiros excomungados dessa Revolução estão homens como Celso Furtado, e nem foi por acaso que ela destruiu por toda a parte os movimentos reivindicatórios dos homens do campo, não apenas os encabeçados por comunistas como também os chefiados por líderes católicos — sacerdotes ou leigos.

A bagunça desapropriadora dos últimos tempos do sr. Jango, em que politiqueiros demagógicos arregimentavam marginais para partilhar terras como se fôsem camponeses — e que só poderia resultar no colapso da produção agrícola — seguiu-se, por parte dos senhores da terra, com todo o apoio dos chefes da Revolução, uma política de repressão violenta e às vezes sanguinária a todas as reivindicações do homem do campo. Latifundiários e usineiros esbaldaram-se alegremente em comemorações e vinditas.

Ora, se por nacionalismo se entende defesa e desenvolvimento da indústria nacional, um de seus primeiros mandamentos há de ser a reforma agrária, sem a qual a grande massa de trabalhadores do Brasil continuará a não poder consumir os produtos de nossa indústria a não ser em quantidades ridículas. Grande indústria sem grande mercado interno não se entende, não tem vez no Brasil. Não se entende, igualmente, uma política séria de desenvolvimento nacional quando em matéria de política externa nos reduzimos ao melancólico papel de capangas dos Estados Unidos.

Não é destruindo órgãos de estudos como o ISEB, não é perseguindo professores nem liquidando Universidades e institutos de pesquisas sob o pretexto de combater o comunismo que poderemos armar o nacionalismo brasileiro de instrumentos ideológicos capazes de se contrapor às teses do brilhante entreguismo do sr. Roberto Campos. Nacionalismo sem comunismo, está bem. Mas nacionalismo sem democracia é uma ilusão perigosa em um país em que só a confiança das grandes camadas populares poderá fazer forte um govêrno para lutar contra os "trusts" e seus tradicionais aliados.

DN-1.12.65